

COMUNICAÇÃO ORAL - GT 04 | ESTUDOS SOBRE EXPRESSÕES DO
AUTORITARISMO: “BOLSONARISMO” E A NOVA EXTREMA-DIREITA NO
BRASIL

APOLO, HERMES E A POLÍTICA BRASILEIRA

Antonieta Campos Serra Teixeira Dos Santos (antonieta campos@outlook.com)

Antonieta Campos Serra Teixeira dos Santos – Núcleo de Estudos Junguianos do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Resumo: Em 2016, o Brasil sofreu um golpe travestido de impeachment. A então presidente Dilma Roussef foi impedida de exercer seu mandato, para o qual havia sido democraticamente eleita – resultado de uma onda de insatisfações que dominou o país e levou grande parte da população às ruas. A chamada direita política cresceu em poder e os discursos radicais ganharam força, até que, em 2018, Jair Bolsonaro, defensor da ditadura, opositor do feminismo, antirracismo e das políticas de assistência social, foi eleito presidente do país - reflexo do movimento em direção à extrema direita da sociedade brasileira. O presente trabalho, com base na Psicologia Analítica e na Mitologia, tem por objetivo refletir sobre o que levou a direita à aceitação e disseminação de ideais extremados e do autoritarismo; pensar sobre o posicionamento da dita esquerda, sua efetividade no cenário político e mudanças que podem auxiliar no crescimento da popularidade desta que, aparentemente, mostra-se na vanguarda ao defender os Direitos Humanos e a Constituição. Nesse sentido, relaciona-se com a temática do Grupo de

Trabalho uma vez que propõe uma reflexão acerca da atual conjuntura política do Brasil de Bolsonaro e de bolsonaristas, que tem no autoritarismo um modus operandi para a constituição de uma sociedade que privilegia a violência, a intolerância e a exclusão. Da discussão, conclui-se que a política pode ser compreendida como um jogo, em que é necessário fazer negociações e concessões e, por isso mesmo, um lugar de Hermes, o negociante. No Brasil, no entanto, isso não acontece. Com uma direita incapaz de abrir mão de sua posição central, privilegiada e de domínio, e uma esquerda que, com dificuldades de negociação, quase não faz parte do jogo, a política brasileira é um lugar de Apolo. Não qualquer Apolo, mas um Apolo rígido, incapaz de abrir brechas, que luta pela manutenção do status quo. Assim, o que se tem é um cenário de inconsciência diante das necessidades sociais, o que leva, inevitavelmente, à constelação do que Jung denominou complexos – uma vez negada uma das polaridades (e a própria tensão entre opostos), o autoritarismo surge com tamanha destrutividade, de modo a exigir que os cidadãos tomem medidas diferentes das que vinham escolhendo até então. Diante da atual situação, cabe às pessoas, instituições e partidos políticos, portanto, soltar a mão de Apolo e caminhar em direção a Hermes, aquele que se permite adentrar terrenos desconhecidos, relacionar-se e, por isso mesmo, como um herói trickster, gera mudanças em toda sociedade por onde passa.